Minha Família é da Etiópia e para nós chag hapessach é muito importante pois se conecta muito com o que passamos para vir para Eretz Israel.



Minha vida como egipcio agora é só sofrimento. Perdi minha terra, peguei doenças, não tenho água, perdi meu gado. Não tenho mais nada.

Eu, Moises, liderei meu povo contra a tirania do faraó e em direção à liberdade e à terra prometida.

Mesmo sendo judeu, eu e minha familia não conseguimos sair do Egito. Não fazia sentido seguir um líder que nem conhecemos em uma jornada cheia de incertezas.

הגדה של פסח Hagadá de Pessach 2018



Para mim, este chag é sobre estar junto, seja com minha familia ou com amigos, como um povo unido, compartihando memória comum, lembrando sempre da mensagem de liberdade.

É momento de limpar e ordenar toda a casa. Tiramos e queimamos o chametz, representando a abdicação de nossos egoismos e impurezas espirituais.





No meu kibbutz, pessach é um lindo momento onde todos se reunem. Cantamos, dançamos e relembramos juntos.



Eu, Miriam, não só salvei a vida de Moises como, junto com as mulheres do povo, tive papel indispensável na fuga do Egito e na travessia do deserto. Esse ano não consegui passar pessach com a minha família, mas na base onde estou nos reunimos e fizemos um lindo seder.

Quando os operários leem a história

Quem construiu a Tebas de sete portas? Nos livros estão nomes de reis: Arrastaram eles os blocos de pedra?

E a Babilônia várias vezes destruída Quem a reconstruiu tantas vezes?

Em que casas da Lima dourada moravam os construtores? Para onde foram os pedreiros, na noite em que a Muralha da China ficou pronta?

> A grande Roma está cheia de arcos do triunfo: Quem os ergueu? Sobre quem triunfaram os Césares?

A decantada Bizâncio Tinha somente palácios para os seus habitantes?

> Mesmo na lendária Atlântida Os que se afogavam gritaram por seus escravos Na noite em que o mar a tragou?

O jovem Alexandre conquistou a Índia. Sozinho?

César bateu os gauleses. Não levava seguer um cozinheiro?

Filipe da Espanha chorou, quando sua Armada naufragou. Ninguém mais chorou?

Frederico II venceu a Guerra dos Sete Anos. Quem venceu além dele? Cada página uma vitória. Quem cozinhava o banquete?

A cada dez anos um grande Homem. Quem pagava a conta?

> Tantas histórias. Tantas questões.

Bertold Brecht

Introdução



No Habonim Dror nós temos a tradição de tentar ressignificar o judaísmo, de forma que ele nos represente melhor. Todo ano, nos reunimos para comemorar Pessach, e todo ano deixamos de lado a perspectiva de vários ao contar sua história.

Esse ano, faremos um Seder em homenagem aos que não ganharam voz na história. Esse ano, comemoramos Pessach em nome dos cozinheiros do

Império Romano, dos pedreiros da Muralha da China, das mulheres esquecidas pela história. Esse ano, os "operários" contam a história. Nenhuma perspectiva será marginalizada hoje. O seder de Pessach nada mais é do que uma grande peulá, ou uma grande atividade com um fundo altamente educacional. Com o objetivo de relembrar uma história e passar seus valores, a Hagadá conduz uma noite agradável: com canções, metáforas, comida e até mesmo jogos ela transmite todo seu conteúdo, através de uma linguagem fácil para as crianças, sem perder sua essência e complexidade.

E assim também o é no Habonim Dror. Transmitimos nossas ideologias e princípios por intermédio de dinâmicas, jogos e discussões para crianças e jovens de uma maneira leve e profunda. Acreditamos em uma educação não-formal e questionadora, ao mesmo tempo em que a utilizamos como ferramenta para se alcançar nossa haghsamá - nossa realização.

Esta mesa de Pessach em torno à qual nos reunimos, com as matzót, com as ervas amargas, com sua toalha imaculada,

esta mesa não é só uma mesa; é a mágica embarcação que nos leva nessa noite pelos caminhos passados pelo povo judeu, em busca das nossas memórias, de homens e mulheres que sorriam e choravam como nós, porém por razões diferentes. Dentre os atributos que os seres humanos possuem em comum, estão os sentimentos. Por mais que choremos e demos risadas por motivos diferentes, o manifesto dessas sensações ocorre da mesma forma. Seja um escravo judeu no Egito, um judeu cultural humanista do século XXI, um habitante da China ou um grande filósofo, todos estes manifestam sentimentos similares e de maneira similar. Sendo assim, deveríamos ter um entendimento quase que natural do outro, uma vez que compreendemos sua linguagem sentimental. No entanto, encontramos entraves no âmbito da compreensão de perspectivas alheias, ficando estancados em nossas próprias.

A visão do outro costuma ser obliterada em prol de uma perspectiva hegemônica na transmissão histórica, religiosa e cultural. Como somos comumente regidos por um ou mais desses três fatores, sucumbimos à omissão de perspectivas, e reprimimos figuras, ideias e ações. Nesse sentido, buscamos com essa Hagadá nos aproximar de outras perspectivas, frequentemente negligenciadas ou omissas frente à história de Pessach que normalmente é contada.

Seguindo o preceito de liberdade, advindo do chag, cremos que ao nos atentarmos às outras perspectivas, permitimos que estas tenham possibilidades de se libertar de seu status de submissão. Assim, trabalharemo-nas em um plano mais igualitário e justo, aumentando nossas fontes de conhecimento e exercitando a visão sobre o outro.

Chag Pessach Sameach!

Dan Griner Taublib e Helena Jablonski Herson

TAPUZ

KEARÁ קערה

A Keará de Pessach que se encontra em nossas mesas é composta por elementos diversificados, tornando-a heterogênea. Na tradição judaica cada um de seus elementos é usado como um simbolismo para algum evento triste para o povo hebreu. Portanto, trazemos hoje reflexões sobre quem é que sofreu ao longo de toda a história. Tanto no Egito, quanto no deserto. Tanto no nosso país, quanto no mundo. Nos nossos desertos escaldantes de reflexões.

BETSÁ ביצה

O Betsá (ovo cozido com casca chamuscada) simboliza a vida coberta por cicatrizes, assim como o ovo está marcado de queimaduras. O Betsá representa aqueles escravos que ficaram no Egito, seja pelo medo do Faraó, seja por que não eram judeus, seja por qualquer motivo. Alguns foram, e outros ficaram; mas suas vidas não deverão ser esquecidas.

Muitas famílias e congregações começaram a adicionar a laranja à Keará, como uma forma de reconhecer o papel da mulher na vida judaica. A Professora Susannah Heschel adaptou uma prática iniciada na Comunidade Judaica da Oberlin College (que também sugeria a laranja como símbolo da solidariedade com os gays e outros grupos marginalizados na comunidade judaica), e pedia para que cada um comesse uma parte da laranja. Costuma-se cuspir os caroços da laranja para demonstrar repúdio às pessoas que marginalizam as outras. A laranja é a fruta escolhida por possuir vários gomos, assim como o judaísmo possui diversos tipos.

כרפס CARPÁS

O Carpás (normalmente batata cozida ou salsa) é tradicionalmente mergulhado em água salgada, simbolizando as lágrimas. O ato de mergulhar um alimento também pode ser considerado o ato de anular um alimento por estar disfarçando seu gosto. Indo mais além, na

origem da palavra mergulhar em hebraico טיבול, serve como um anagrama para anulação ou negação, יטולב. O Carpás irá nos servir neste Seder como uma forma de nos relembrarmos o quanto nós estamos acostumados em esquecer o lado ruim da história, o quanto nós estamos propícios a maquiar a história para parecermos os heróis, ignorando muitas narrativas nesse processo.

MAROR

מרור

O Maror (raiz forte ralada) também nos faz lembrar da amargura da escravidão e dos atos que esta gerou. Rabbi Shneur Zalman comentou a respeito desta prática: "para melhorarmos a nós mesmos, devemos agir de maneira similar à ingestão do marór, devemos dedicar tempo para meditar profundamente sobre nossas faltas até que venham as primeiras lágrimas." Além disto, podemos dedicá-lo às mães que tiveram que deixar seus filhos para trás devido ao decreto do Faraó de que nenhum filho judeu poderia nascer, tendo parte de si perdidas para sempre.

תרוסת CHAROSSET

O Charósset (pasta de nozes e maçãs raladas) simboliza a argamassa na qual trabalhavam nossos antepassados no Egito. Por conseguinte, também simboliza aquilo que conecta os materiais de fundamento de uma construção, aquilo que nos sustenta. Assim sendo, dedicamos o Charósset a todos aqueles que esquecemos, aos garis, professores, faxineiros e muitos outros.

ZEROÁ

זרוע

O Zerôa (pescoço de galinha para os ashkenazim e pedaço de braço de cordeiro para os sefaradim) representa a força de Miriam, irmã de Moshê e Aharon. Miriam salva a vida de seu irmão, Moshé, ao colocá-lo em uma cesta no Rio Nilo, rumo a filha do Faraó. Ela sacrifica a chance de viver com seu irmão mais novo por uma chance dele viver, mostrando quão altruística ela era.

Laura Kives e Dan Griner Taublib





בכל דור ודור חיב

האדם לראות את עצמו כהילו הוא יצא ממצרים. שנאמר: והגדת לבנך ביום ההוא לאמור בעבור זה עשה יהוה לי בצאתי ממצרים

TRANSLITERAÇÃO:

B'chol dor vador chaiav adam lir'ot et atzmo kehilu hu iatzá miMitzraim. Sheneemar v'higadta l'binchá bayom hahu leemor baavur zé assá Adonai li betze'ti miMitzraim.

TRADUÇÃO:

Em cada geração, toda pessoa deve sentir--se como se ela própria tivesse saído do Egito, assim como está escrito: "Naquele dia contarás a teu filho: Isto é por causa do que o Eterno fez por mim, quando eu mesmo saí do Egito."

SEDER

OTC

O significado literal da palavra Seder é "ordem". Tradicionalmente, o Seder de Pessach segue uma ordem específica, contemplando toda a cerimônia. Esta ordem foi compilada por Rabbi Shmuel de Falaise, rabino francês da escola de Rashi, e consiste nos seguintes elementos:



1. KadeshA recitação do Kiddush
2. U'rchatzLava-se as mãos antes do Karpas
3. KarpasCome-se um vegetal na água com sal
4. YachatzQuebra-se a Matzá do meio
5. MaguidÉ contada a história de Pessach
6. RachtzaLava-se as mãos antes da refeição
7. MotziBrachá sobre a comida
8. MatzáA brachá da Matzá é feita e comemos Matzá
9. MarorA brachá do Maror é feita e comemos Maror
10. KorechO sanduíche com Matzá, Maror e Charoset
11. Shulchan OrechA refeição do jantar é servida
12. TzafunAs crianças procuram o afikoman
13. BarechBênçãos após a refeição
14. HallelCanções de louvor
15. NirtzáBrachot finais

KADESH קדש

Acendem-se as velas, recitando ou cantando a brachá:

Brachá tradicional:

ברוך אתה יהוה אלוהנו מלך העולם אשר קדשנו במצותיו וצונו להדליק נר של (שבת ושל) יום טוב

Baruch Ata Adonai Elohenu Melech ha'olam Asher kidshanu b'mitzvotav v'tzivanu l'hadlik ner shel (shabat v'shel) yom tov.

Abeçoado sejas Tu, ó Eterno, nosso Deus, Rei do Universo, que nos santificou com suas mitzvot e nos ordenou acender as velas do (shabat e do) dia santo.

Brachá ressignificada:

שאור הנרות הללו יעלים את כל המלנכוליה והעצבות מליבי ומלבו של כל אחד ואחת מבני האנוש. שהאהבה בתוכנו ובין כל העמים תפרח ותעמיק. Sheor hanerot halalu ya'alim et kol hamelancolia veha'atz-but milibi vemilibo shel kol echad v'achat mibnei haenosh. She haahava betochenu ubein kol há'amim tifrach veta'amik.

Que a luz dessas velas elimine toda a melancolia e ansiedade do meu coração e do coração de todos a quem amo. Que este chag nos traga paz e serenidade, alegria e descanso. Mantém aceso entre nós o espírito de gratidão por essas bênçãos. A fim de que possamos conhecer o doce sabor do contentamento e a rica colheita da participação. Torne mais profundo o amor entre nós e entre todos os povos.



4 COPOS



Todos os anos, contamos a nossos filhos a história de Pessach como se nós mesmos a tivéssemos vivido, seguindo a tradição. Mas será que, conforme nossos filhos crescem, cresce também o nível de profundidade no qual tratamos o tema? A bela e heroica história da libertação do povo judeu sob a liderança de Moshé nos oferece muito mais nuances do que uma leitura superficial pode perceber. Quantas narrativas estão escondidas ali, bem embaixo dos nossos narizes, sem que lhes seja dada a devida atenção? Os personagens podem ser lidos de forma mais complexa, assim como as pragas, o povo, as decisões... Tudo na história de Pessach abre espaço para diversas visões e interpretações. Esta Hagadá que você tem em mãos nos convida

a explorar perspectivas marginalizadas tanto em Pessach quanto na realidade em que vivemos hoje. Portanto, para cada um dos quatro copos da noite do Seder, homenageamos uma perspectiva não-hegemônica – mas não por isso menos importante – da história deste Chag, sempre traçando um paralelo com o contexto atual.

1° COPO

população Toda а hebreia saiu do Egito com Nas fontes judaicas encontramos algumas discussões sobre essa pergunta. Na Mechiltá (Midrash haláchico) de Rabbi Ishmael, interpreta-se de forma peculiar o trecho da Torá que diz que "armados subiram os filhos de Israel da Terra do Egito" (Shemot 13:18). O termo chamushim é ambíguo, podendo significar "armados", ou "um quinto" (atribuindo outras vogais às mesmas letras), sugerindo que apenas uma pequena parte do povo saiu do Egito. Há interpretações que falam que 1

em 50, ou mesmo 1 a cada 500 hebreus teria deixado o Egito, enquanto há as que falam que todo o povo saiu com Moshé, ou uma maioria; há quem diga que aqueles que não iriam morreram na praga da escuridão, e há quem interprete o trecho dizendo que os que saíram eram um quinto da população judaica de uma época posterior, quando o trecho teria sido escrito. Como é de praxe no Judaísmo, são muitas as leituras possíveis mas, independentemente da quantidade, é plausível supor que alguma parcela do povo hebreu jamais saiu do Egito.

Aliás, existe diferença entre dizer que uma parcela ficou no Egito ou que essa parcela não saiu do Egito. Escolher ficar é diferente de não sair por falta de alternativa. Foi uma decisão ativa? Será que aqueles que não saíram estavam conscientemente indo contra uma tendência, contra um caminho óbvio que era sair do Egito? É possível que tenha existido quem não teve condições de sair, que tivesse um parente muito idoso, um filho doente ou o que quer que seja. Deixar o Egito não era uma escolha simples. Será que alguém cul-

pa os judeus que não saíram da Alemanha durante a década de 1930? Para esses, deixar seu Egito também não era fácil. Nem sempre a liberdade é uma disponível. Durante escolha todo o início da história de Pessach, o povo hebreu fez poucas escolhas. Eram escravos, afinal. Somente após a 9ª praga é demandado um compromisso do povo. "Toda a congregação de Israel fará isto" (Shemot 12:47), diz Deus ao povo, referindo-se a diversos códigos de conduta a ser cumpridos. O caminho da liberdade, mesmo quando é uma possibilidade, não é uma alternativa fácil. Ser livre exige compromisso, exige uma luta contra o comodismo, contra o medo da instabilidade e do desconhecido. Prova disso é que não houve, entre os que saíram do Egito, quem tenha chegado a Eretz Canaan. Toda uma geração pereceu no deserto. A decisão de sair foi pensada para o futuro e, não por acaso, esse é o grande mito fundador do povo judeu. Mas nem sempre se têm condições de priorizar o futuro ao presente. Às vezes o hoje é tão urgente que não há tempo para o amanhã. Às vezes, as pessoas tomam deci-

sões que as afastam do todo, e deve haver algum esforço de compreensão entre as partes. Como tratamos aqueles que escolhem se separar de nós? Um amigo que muda de escola, um judeu que sai de sua comunidade, um filho que sai de casa... Jogamos para o esquecimento? Mantemos as portas abertas? Deveríamos manter? Não há dúvidas de que a resposta a estas perguntas varia totalmente de caso a caso. De toda forma, vale a reflexão: quem são aqueles que nunca saíram do Egito? Quem são aqueles que não conseguiram, até hoje, sair dos Egitos que os oprimem?

Felipe Kaufman Gorodovits e Luana Papelbaum Micmacher

Brachá tradicional:

ברוך אתה יהוה אלוהינו מלך העולם בורא פרי הגפן.

Baruch Ata Adonai Elohenu Melech haolam borê peri hagafen.

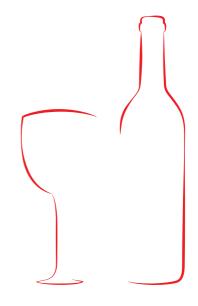
Abençoado sejas Tu, ó Eterno, nosso Deus, rei do Universo, que cria o fruto da vinha. Brachá ressignificada:

שהמתיקות של היין יזכיר לנו באהבה את כל מי שבוחר בדרך שונה משלנ. ברוך ההוא שמגדל את פרי הגפן.

Shehametikut shel hayain yaizkir lanu beahava et kol mi shebocher bederech shona me shelanu. Baruch hahu shemegadel et peri hagafen.

Que a doçura do vinho nos lembre com afeto de todo aquele que escolhe um caminho diferente do nosso. Abençoado seja aquele que cultiva o fruto da vinha.

Após a brachá, bebe-se o primeiro copo de vinho.



SHEHE CHEYANU

Abraham Joshua Heschel, ao falar sobre o Shabat, comenta que o Judaísmo constrói catedrais no tempo. Ou seja, santifica-se o tempo, os momentos, e não lugares, pessoas ou objetos. Essa lógica faz muito sentido quando pensamos no Shehecheyanu. Esta brachá é proferida sempre que se inaugura algo, seja o 1º dia de um chag, a primeira entrada na Suká, a Mezuzá de uma casa, etc. E por que será que estas exatas palavras foram designadas para marcar os começos? Sempre que começamos algo, devemos valorizar a importância de estarmos vivos - shehecheyanu, que nos deu vida. Mas apenas sobreviver não é suficiente, queremos sobreviver com dignidade, sermos senhores e senhoras dos nossos próprios destinos. Portanto, valorizamos também que estamos de pé – vekimanu, que nos deu sustentação. É essencial erquer-se, poder falar e ser

ouvido porém, mais uma vez, não nos contentamos em parar por aí. É preciso agir. É preciso que saiamos do lugar onde estamos, das nossas zonas de conforto, e façamos algo para mudar o mundo – vehigianu, e nos fez chegar. Mas tudo isso ainda não é motivo para nos conformarmos. A brachá termina sugerindo que tudo isto seja feito em prol do aqui e agora, da nossa realidade. Que olhemos para o próximo, para aquele que está bem ao nosso lado, neste exato momento lazman hazé, para este tempo.

Felipe Kaufman Gorodovits

ברוך אתה יהוה אלוהינו מלך העולם שהחיינו וקיימנו והגיענו לזמן הזה.

Baruch ata Adonai, elohenu melech haolam, shehecheyanu vekimanu vehigianu lazman haze.

Abençoado sejas Tu, ó Eterno, nosso Deus, rei do Universo, que nos deu vida, nos sustentou e nos fez chegar a este momento.

URCHATZ ורחץ



Lava-se as mãos antes de comer o Karpas.

KARPÁS ספרכ



Mergulha-se um vegetal, normalmente a salsa ou a batata, na água com sal e é proferida a brachá:

ברוך אתה יהוה אלוהינו מלך העולם בורא פרי האדמה.

Baruch Ata Adonai Elohenu Melech haolam, bore peri haadama.

Abençoado sejas Tu, ó Eterno, nosso Deus, Rei do Universo, Criador dos frutos da terra.

IACHATZ Yn'

הא לחמה עניא די אחלו אבהתנא בארעה דמצרים. כל דכפין ייתי ויכול, כל דצריך ייתי ויפסח. השתא אכה, לשנה הבאה בארעה דישראל. השתא עבדי, לשנה הבאה בני חורין. Ha lachmá aniá di achalu avhataná

Bear'a demitzraim.

Kol dichpin ietei veichol,

Kol ditzrich ietei veifsach.

Hashatá hachá,

Leshaná habaá bear'a d'Israel.

Hashatá avdei,

Leshaná habaá bear'a d'Israel.

Hashatá avdei leshaná habaá

bnei chorin.

Este é o pão da miséria, Que os nossos antepassados comeram na terra do Egito. Deixe que todos aqueles com fome venham e comam; Deixe que todos em necessidade venham e celebrem Pessach

Agora que estamos aqui; que ano que vem possamos estar na terra de Israel

Agora que somos escravos, que no próximo ano possamos ser livres.

O que a matzá simboliza: Pão da Escravidão, Pão da Liberdade

conosco

Matzá é, portanto, o pão da liberdade e o antigo pão da escravidão. Não é incomum para ex escravos inverter os próprios símbolos da escravidão para expressar sua rejeição dos valores dos mestres. Mas é um significado mais profundo no simbolismo de dois gumes de matzá. Teria sido fácil criar uma dicotomia: matzah é o pão do caminho do Êxodo, o pão da liberdade; chametz é o pão comido na casa da escravidão, no Egito. Ou vice-versa: matzá é a ração dura, comida escrava; chametz é o rico, comida macia a que pessoas livres se tratam. Pouco importa a relação ou isso ou aquilo ela é muito simplista. A liberdade está na mente, não no pão.

A halachá (lei judaica) ressalta a identidade do chametz e matzah com o requisito legal de que a matzá pode ser feita apenas em grãos que podem se tornar chametz - ou seja, os grãos que fermentam se misturados com água são permitidos fundirem-se. Como o humano prepara a massa é o que decide se algo torna-se chametz ou matzá. Como você vê a matzá é o que decide se é o pão da liberdade ou da servidão.

O ponto é sutil, mas essencial. Para ser plenamente realizado, um Éxodo deve incluir uma viagem interna, não apenas uma marcha estrada afora do Egito. A diferença entre escravidão e liberdade não é que os escravos persistam sob condições difíceis enquanto as pessoas livres se divertem. O pão permaneceu igualmente difícil em ambos os estados, mas a psicologia dos israelitas mudou totalmente. Quando a massa dura foi dada a eles por mestres tirânicos, a matzá que comiam na passividade era o pão da escravidão. Mas quando os judeus saíram voluntariamente do verde dos deltas férteis para o deserto porque estavam determinados a ser livres, quando se recusaram a atrasar a liberdade e optaram por comer pães ázimos em vez de esperar por ele assar, a crosta dura tornou-se o pão de liberdade. Por medo e falta de responsabilidade, o escravo acomoda-se aos maus tratos. Por dignidade e determinação de viver livre, o indivíduo suportará qualquer fardo.

Rabino Irving Greenberg

Por que três? Tradicionalmente, os sedarim requerem três matzot. Por que três? Três são nossos patriarcas, Abraão, Isaac e Jacó. Três são as possibilidades sugeridas no nome impronunciável de D'us. As três Matzot também podem representar um ponto de vista, um ponto de vista oposto, e a compreensão compreensiva que os engloba.

Considerando um dos integrantes dessa tríade de perspectivas a corrente ortodoxa do judaísmo, podemos dizer que em Israel existe uma certa repressão por sua parte frente as outras grandes correntes da nossa religião. Dentro de um espectro da legalidade - englobando, principalmente, registros civis como casamentos, óbitos e conversões - a ortodoxia retém o monopólio, impedindo que haja um contraponto a qual se possa recorrer como alternativa.

Desde a fundação do Estado, essa esfera de poder foi cedida aos ortodoxos por uma necessidade de consolidação de base de

apoio para a nova nação, por isso Ben Gurion sentiu-se quase que obrigado a conceder esses direitos para essa seção da sociedade.

Em função da situação em que se encontrava o novo país na década de 40, suas consequências seguem manifestando-se até os dias de hoje. Por existir requisitos impostos pela corrente detentora de poder, as demais grandes como o conservadorismo e o reformismo sentem-se incapazes de competir. Tendo assim suas áreas de atuação e manifestação reduzidas e, consequentemente, por uma tendência da sociedade israelense de praticar um judaísmo laico porém, ao mesmo tempo, ortodo-xo, quanto as festividades e suas tradições, acabam sendo vistas como distoantes da verdadeira maneira de atuação tradicional.

Podemos enxergar o reformismo e o conservadorismo como pontos de vista opostos ao primeiro proposto, além disso, configuram uma parcela praticante em Israel vista como herege, e, também marginalizada. Um exemplo claro da reação popular frente a esses grupos é a represália popular - principalmente de ortodoxos mas também uma má compreensão do israelense regular a algo visto com mais frequência na diáspora - frente ao movimento das "Mulheres do Kotel" (Nashot HaKotel), sendo necessário até mesmo policiamento em eventos sediados no muro afim de proteção.

A simbologia da quebra da matzá faz referência ao estado em que nos encontramos hoje através do menor pedaço (Lechem Oni - pão da pobreza), incompletos, imperfeitos, inacabados e reféns de uma realidade de servidão. Enquanto o pedaço maior (afikoman) representa aquilo que devemos buscar, a redenção capaz de apaziguar todas as nossas aflições.

O pão da miséria, hoje, pode ser visto como a falta de união entre o povo judeu, que é um só, com história e cultura comum e fé única. Cabe, somente a nós mesmos, buscar por nossa reconciliação, basta nos permitirmos maior abertura, compreensão e permissividade para com nossos semelhantes e também, principalmen-

te, frente aos diferentes. Através desse exercício de mudança de postura e pensamento, seremos capazes de juntar nossos pedaços espalhados, antes incompletos, capazes, agora, de serem um só, apesar das dificuldades enfrentadas afim de realizar essa (re)junção.

Carolina Milech e Eduardo Cherpak

MAGUID מגיד



Quais são as nossas viagens? da escravidão à libertação

da alienação para a comunidade de longe para dentro de estrangeiros a familiares da ansiedade ao conforto de espaços estreitos a extensão?

E qual é a minha vida? Eu sou como um homem que saiu do Egito:

as partes do Mar Vermelho, atravesso em terra firme, Duas paredes de água, na minha mão direita e na minha esquerda.

O exército do faraó e seu entusiasmo atrás de mim. Antes de mim, o deserto, talvez a Terra Prometida também. Essa é a minha vida.

("Open Closed Open" Yehuda Amichai - tradução livre)

Maguid, a palavra hebraica para "conto", está na raiz da palavra hagadah. Ao relatar a história do Êxodo, nós falamos do nosso passado comum. Durante todas as nossas vidas, escutamos a trajetória de pessach através do ponto de vista divino e de Moshé. De modo a colocar em pauta o tema de perspectivas marginalizadas e invisíveis, trazemos aqui uma nova forma de refletir sobre a história através das 6 banot, sem as quais, Moshé não teria sido capaz de receber o título que concedemos a ele de maior libertador da história da humanidade. Cada uma dessas personagens apresenta função e personalidade próprias que permitiram o curso do nosso futuro, sendo elas:

- 1. Yocheved (mãe de Moshé)
- 2. Shifra e Puá (parteiras)
- 3. Miriam (irmã de moshé)
- 4. Batya (filha do faraó)
- 5. Tzipora (mulher de Moshé)

Yocheved simboliza a coragem da mulher desafiadora, uma vez que se recusou a acatar a ordem deferida pelo faraó, - de que todo bebê judeu do sexo masculino que nascesse fosse afogado - mantendo Moshé escondido durante meses. Nos dias de hoje, podemos enxergar a postura de resistência que teve Yocheved nas mães solteiras da realidade brasileira. Enfrentando lutas diárias por seu espaço em uma sociedade de herança patriarcal e machista, na mesma proporção em que Yocheved sofreu, com opressão e discriminação sistemáticas.

"E ela engravidou e deu à luz um filho. Vendo que era bonito, ela o escondeu por três meses." (Shemot 2:2)

Já as parteiras, auxiliaram no parto de Yocheved, mesmo

sabendo que era judia e poderia vir a dar à luz a um homem. Mesmo sabendo que havia nascido Moshé, não o sacrificaram, demonstrando empatia e benevolência, sendo esses os valores representados por elas. Podemos compreender a presença desses sentimentos na contemporaneidade através da sororidade, sempre em busca de crescimento, entre mulheres. Sendo esse valor de companheirismo mútuo de importância indispensável para toda e qualquer mulher seja qual for sua precedência.

"O rei do Egito ordenou às parteiras dos hebreus, que se chamavam Sifrá e Puá: Quando vocês ajudarem as hebreias a dar à luz, verifiquem se é menino. Se for, matem-no; se for menina, deixem-na viver.

Todavia, as parteiras temeram a Deus e não obedeceram às ordens do rei do Egito; deixaram viver os meninos." (Shemot 1:15-17)

Miriam representa a perseverança, acompanhando seu irmão por todo o seu percurso pelo Nilo e de forma contínua até sua vida adulta. Posteriormente, já quando seu irmão assumiu a responsabilidade de libertação do povo judeu, tantas vezes negada pelo faraó, Miriam não deixava que isso o desmotivasse, acreditando em sua previsão de infância que sua mãe teria o homem responsável por libertar os judeus do Egito.

"A irmã do menino ficou observando de longe para ver o que lhe aconteceria." (Shemot 2:4)

"Naquele dia, D'us salvou os filhos de Israel dos egípcios. Israel viu Seu grande poder; reconheceu e acreditou n'Ele e em Moisés, seu fiel servo" (Êxodo 15, 1-18) Batya acolhe Moshé como se fosse seu próprio, o adotando e lhe dando nome, representando assim, o carinho e a fraternidade. Além disso, seu nome pode também fazer alusão a "bat", referente a nascimento e uma nova perspectiva de vida. Atualmente, a adoção segue sendo um simples ato de amor e possibilidade de recomeço.

"Tendo o menino crescido, ela o levou à filha do faraó, que o adotou e lhe deu o nome de Moshé, dizendo: "Porque eu o tirei das águas" (Shemot 2:10)

Tzipora conhece Moshé nos momentos em que estava mais afastado de sua fé. Ela o acompanhou na volta ao Egito para cumprimento de sua função, deixando para trás suas origens, tornando-se parte de um coletivo no qual acreditava. Quando teve seu filho, seguiu a tradição referente ao seu novo povo, fazendo ela mesma o brit milá de seu próprio. Durante toda a sua vida, Tzipora se mostrou uma forte figura feminina capaz de tomar suas próprias decisões baseadas em suas paixões e convicções. A simbologia da conversão, feita por uma estrangeira, permite que acolhamos todos aqueles que escolhem, também fazer parte, por opção, do povo judeu conosco. Cabendo a nós, então, acolhermos essas pessoas para que sintam-se parte desse novo coletivo, sem discriminação alguma de qualquer origem.

"Mas Zípora pegou uma pedra afiada, cortou o prepúcio de seu filho e tocou os pés de Moisés. E disse: "Você é para mim um marido de sangue!"" (Shemot 4:25)

Carolina Milech e Eduardo Cherpak

MA NISHTANÁ מה נשתנה

Ma nishtana halaila haze Mikol haleilot Mikol haleilot Shebechol haleilo anu ochlin Chametz umatza, chametz umatza Halaila haze, halaila haze Kulo matza

Shebechol haleilot Anu ochlin Shear yerakot, shear yerakot Halaila haze, halaila haze maror

Shebechol haleilot Ein anu matbilin Afilu paam achat, afilu paam achat Halaila haze, halaila haze Shetei peamim

Shebechol haleilot Anu ochlin Bein yoshvin uvein mesuvin, bein yoshvin uvein mesuvin Halaila haze, halaila haze Kulanu mesuvin מה נשתנה הלילה הזה מכל הלילות מכל הלילות שבכל הלילות אנו אוכלין חמץ ומצה, חמץ ומצה הלילה הזה, הלילה הזה כולו מצה.

שבכל הלילות אנו אוכלין שאר ירקות, שאר ירקות הלילה הזה, הלילה הזה כולו מרור.

שבכל הלילות אין אנו מטבילין אפילו פעם אחת, אפילו פעם אחת הלילה הזה, הלילה הזה שתי פעמים.

שבכל הלילות אנו אוכלין בין יושבין ובין מסובין ,בין יושבין ובין מסובין הלילה הזה, הלילה הזה כולנו מסובין Em que é diferente esta noite De todas as noites De todas as noites Que todas as noites nós comemos Chametz e matza Esta noite Somente matza

Que todas as noites Nós comemos Várias verduras Esta noite Somente maror

Que todas as noites Nós não mergulhamos [na água salgada] Nem sequer uma vez Esta noite Duas vezes

Que todas as noites Nós comemos Sentados ou reclinados Esta noite Todos nós nos reclinamos

No seder de pessach de hoje, nos perguntamos: Em que é diferente esta noite de todas as noites? Se respondemos que é porque comemos matza e maror e mergulhamos a batata na água com sal duas vezes, então na verdade deveríamos nos perguntar:

Em que não é diferente esta noite de todas as noites?

Comemos matza para lembrar de quando saímos às pressas do Egito e não pensamos naqueles que ficaram para trás. Comemos maror para recordar a amargura sofrida na mão dos egípcios, mas não olhamos para a amargura que muitos estão sofrendo não tão longe de onde viemos, na Síria. Mergulhamos na água salgada para recordar as lágrimas derramadas por nossos antepassados - o sofrimento que tiveram que suportar enquanto escravos, mas não recordamos a amargura que foi sofrida pelos escravos aqui no Brasil. Então nos perguntamos: Como podemos fazer para tornar essa noite diferente das outras? Ao observarmos a keará e cada elemento que a compõe, devemos recordar nosso passado. Cada símbolo é carregado de significado e história. O Charósset, que simboliza a argamassa utilizada na construção pelo povo escravizado; o Beitzá, que apresenta o paradoxo entre a dor e a esperança após a destruição do Templo; o Chazeret, que demonstra amargura da escravidão. Para que tornemos essa noite diferente das outras, além de relembrarmos nossa trajetória, devemos nos atentar a outras histórias e realidades. Assim, perceberemos o Charósset em nosso cotidiano, e pensaremos na realidade que levam aqueles responsáveis por colher nossos alimentos, construir nossos lares e transmitir-nos conhecimento, moldando argamassas de diversos significados e origens, e apropriando-as para nosso uso. Nos daremos contade que a amargura, expressada pelo Chazeret, está presente no dia-a-dia de tantas crianças brasileiras assoladas pela fome e falta de direitos básicos. Lembraremos da dor e da esperança, solidificadas pelo Beitzá, na destruição e reconstrução de Hiroshima e Nagasaki, após o atentado à bomba nuclear. Então nos perguntamos novamente: Em que é diferente esta noite de todas as noites? Usamos sempre esta noite diferente para trazer mais do mesmo, para lembrar do nosso

povo enquanto esquecemos de outros lados da história. Como, então, tornar esta noite de fato diferente? Hoje, compartilhamos juntos momentos de pensar no próximo e abandonar nossa zona de conforto para aprender a escutar e levar adiante estas perspectivas. Então, olhe para a pessoa do seu lado. Você conhece a história dela? E das pessoas a sua volta? Por quantas pessoas você passou por hoje na rua? Alguma mereceu seu bom dia? Por que? O Ma Nishtana, assim como o judaísmo, é repleto de diversas perguntas, e para tornar esta noite diferente das outras podemos olhar ao redor, refletir e tentar buscar as respostas ou mais dúvidas.

Tamar Bakman, Helena Jablonski Herson e Laura Kives



AVADIM HAYINU גבדים היינו

Cantamos que fomos escravos, mas que hoje somos livres. Que bom que conquistamos nossa liberdade. Que bom que hoje somos livres. Contudo, comemorar nossa liberdade enquanto fechamos nossos olhos para a escravidão alheia é quase tão grave quanto apoiar a escravidão. Devemos sempre olhar para o outro e sentir o que ele sente, zelar pela sua segurança.

Assim, a torá nos manda ser empáticos. Em Levitico 19-34 está escrito: "Respeitaras o estrangeiro, porque estrangeiro fostes na terra do Egito". Mas seria essa uma empatia sincera, legítima? Por que precisamos ter sido estrangeiros para respeitar aquele que se encontra nessa situação? Por que condenaremos a escravidão pelo fato de já termos sido escravos? Não deveríamos respeitar o estrangeiro apenas pelo ser humano que ele é? Não deveríamos condenar a escravidão ao nosso redor pelo fato dela ser errada?

Compreendemos a empatia como a capacidade de colocar-se em uma situação vivenciada por outra pessoa. O indivíduo empático, por melhor compreender o que o outro vive, é levado a ajudá-lo, seja dando seu apoio, sua confiança ou algum auxílio prático. Em tempos de individualismo, a empatia parece o que falta na humanidade.

Vivemos em tempos egoístas, e seria ingênuo pensar que ajudamos por ajudar, que compreendemos por compreender, que condenamos por condenar. Ter que sofrer pela escravidão para condená-la é absurdo, mesmo que a ideia venha com a melhor das intenções. A empatia, por mais que possa ter influência positiva nas relações, não resolve nosso problema. O problema que nos faz brigar, competir, excluir. O problema que nos faz escravizar. Nos tornamos tão egoístas que transformamos a própria

compreensão em um ato egocêntrico. A escravidão passou do plano físico há tempos.

Hoje vivemos escravos de nós mesmos, permitindo que o egoísmo nos guie e esquecendo, cada vez mais, da nossa humanidade.

Camila Umansky e Tamar Bakman

TRANSLITERAÇÃO:

Avadim hainu, hainu Ata benei chorin, benei chorin Avadim hainu Ata, ata benei chorin, benei chorin

ORIGINAL:

עֲבָדיִם הָיינּוּ, הָיינּוּ עַתָּה בְּנֵי חוֹריּן, בְּנֵי חוֹריּן עֲבָדיִם הָיינו עַתָּה, עַתָּה בְּנֵי חוֹריּן, בְּנֵי חוֹריּן.

TRADUÇÃO:

Escravos fomos, fomos Agora somos livres, livres Escravos fomos Agora, agora somos livres, livres Durante toda a Hagadá o termo em hebraico que se refere ao Egito - e que perdura até os dias de hoje - é Mitzrahim. O shoresh (raiz) dessa palavra é Tzar, que significa curto, estreito. Uma interpretação mais direta sugere que o Egito ganhou esse nome devido a geografia estreita do vale do Nilo.

Outra interpretação sugere que Mitzrahim não se refere a um território, mas ao estado metafórico de confinamento em que o povo judeu vivia durante esse período de escravidão. Nesse sentido. sair do Egito, significa passar por uma passagem estreita em direção a complexidade do novo. Só assim, conseguimos nos libertar das restrições que nos foram impostas para emancipar-nos como povo.

Em tempos de intolerância, não devemos nos acomodar em Mitzrahim. Não podemos ser sectários, buscar apenas verdades simples ou percorrer caminhos estreitos. Ao contrário, a Hagadá nos ensina a expandir nossos horizontes em direção a uma sociedade mais plural e justa.

Danilo Bines

Ou Reivindicar Nossa Liberdade por Nossas Próprias Forças

Somos os poderosos! A última geração de escravos, A primeira geração de homens livres! Só a força de nossa mão Arrancou de nossos ombros orgulhosos O jugo da escravidão Levantamos a cabeça aos céus E sua amplidão era estreita Para o orgulho de nossos olhos Voltamo-nos ao deserto e dissemos À Selva: "Mãe!" No topo dos penhascos, No cerrado das nuvens. Com as áquias do céu

Nós bebemos das fontes da liberdade.

4 FILHOS ארבע בנים

A Hagadá de Pessach tradicional apresenta-nos 4 perspectivas diferentes sobre o chag de pessach. Essas são simbolicamente representadas pelos 4 filhos: o sábio, o malvado, o ingênuo e o que não sabe perguntar. A cada um deles a hagadá busca uma devida explicação aos filhos.

Chacham - O sábio

חכם מה הוא אומר. מה ה״עשת והחוקים אשר תודה יי אלהינו אתכם: אמר לו כהלכות הפסח והמשפטים ואף אתה מפטירין אחר הפסח אפיקומן

Chacham ma hu omer: Ma haedot vehachukim vehamishpatim asher tziva Adonai Elohenu etchem? Veaf ata omer lo kehilchut hapesach ein maftirin achar hapessach afikoman:

Uma pessoa sábia pergunta: "Quais são os testemunhos, leis e preceitos que Deus nos ordenou?" A ele devemos explicar detalhadamente todos os preceitos de Pessach até o último que diz: Depois do Seder de Pessach não nos dedicamos a nenhuma outra espécie de entretenimento.

Rashá - O mau

רשע מה הוא אומר. מה העבודה הזאת לכם. לכם ולא לו. ולפי שהוציא עצמו מן הכלל כפר בעקר. ועף אתה הקהה את שניו ואמור לו. בעבור זה עשה יי לי בצאתי ממצרים. לי ולא את לך. אלו היית שם, לא היית נגאל:

Rasha ma hu omer: Ma haavoda hazot lachem? Lachem velo lo. Ulefi shehotzi et atzmo min haclal kapar be'ikar. Veaf ata hak'he et shinav veemor lo. Baavur ze assa Adonai li betzeti miMitzraim. Li velo lecha. Hilu haita sham, lo haita nigal.

A pessoa malvada diz: "O que significa este preceito para vós?" Ao dizer 'para vós' e não 'para nós', ele rejeita a essência da nossa fé: a unidade de Deus e a comunidade de Israel. Para ele, nós respondemos com severidade: "É por tudo aquilo que o Eterno fez por mim quando eu saí do Egi-

to – 'para mim', isto é, não 'para ti', pois se tu lá tivesses estado, não terias sido libertado."

Tam - O ingênuo

תם מה הוא אומר. מה זאת. ואמרת אליו. בחוזק יד הוציאנו יי ממצרים מבית עבדים:

Tam ma hu omer: Ma zot? Veamarta elav: Bechozek iad hotzianu Adonai miMitzraim mibeit avadim.

A pessoa ingênua pergunta: "O que é tudo isso?" A ela nós respondemos: "Com mão poderosa o Eterno nos libertou do Egito, da casa da escravidão."

SheEino Iodea Lishol – Aquele que não sabe perguntar

ושאינו יודע לשאול. את פתח לו. שנאמר והגדת לבנך ביום ההוא לאמור. בעבור זה עשה יי לי בצאתי ממצרים:

Vesheeino iodea lishol, at ptach lo: Sheneemar vehigadta lebincha bayom hahu leemor. Baavur ze assa Adonai li betzeti miMitzraim.

Com a pessoa incapaz de formular perguntas, tu deves tomar a iniciativa, assim como está escrito: "Contarás ao teu filho, naquele dia, dizendo: 'Isto é em comemoração àquilo que o Eterno fez por mim quando me libertou do Egito."

Os 4 filhos da educação judaica

Nós, a partir da leitura, interpretamos que os filhos podem ser vistos como chaverim do Habonim Dror com diferentes relações com o judaísmo:

- O filho sábio seria aquele chaver que sempre teve acesso à educação judaica, tem uma identidade judaica fortificada, e se usa disso para melhorar o mundo. A esse chaver é interessante trazer textos e discussões para aprofundar sua relação com o judaísmo. É importante propor a ele trazer perspectivas judaicas da sua realidade, assim, agindo, também, a partir do judaísmo.
- O filho malvado seria aquele chaver que sempre teve educação judaica, mas se usa disso para diminuir os outros, afirmando que é mais judeu que

outro e desrespeitando vertentes do judaísmo alheias à dele. A esse chaver seria interessante trazer questionamentos e reflexões em relação à legitimidade de sua ação, de seu desrespeito e a quebra do senso comunitário tanto dentro da tnuá quanto na comunidade como um todo.

- O filho ingênuo seria aquele chaver que teve uma educação judaica simples, assim gerando uma dúvida sobre seu judaísmo. Aquele que muitas vezes não sabe se faz parte da comunidade por ter muito contato com uma realidade fora dos meios judaicos, e, portanto, teria muitas perguntas a fazer. A ele, é interessante perguntá--lo sobre suas dúvidas e tentar esclarecê-las. Instigá-lo a refletir sobre o assunto e se abrir para sua kvutzá com o assunto também é muito importante.
- O filho que não sabe perguntar seria aquele chaver que não recebeu qualquer tipo de educação judaica e vive em completa ignorância sobre o judaísmo. Sendo aquele que não tem qualquer motivação para perguntar sobre tal, e que acaba por se afastar dessa temáti-

ca na tnuá. É dever do madrich tentar aproximá-lo do estudo judaico; tanto por meio de peulot quanto de atividades, proporcionar vivências judaicas. Assim, incentivando sua curiosidade sobre a cultura judaica.

> Tomer Raca Silberberg e Gregorio Noya

10 PRAGAS עשר המכות

Cada uma das 10 pragas é lida em voz alta e, para cada uma, tira-se uma gota de vinho do copo, representando que nossa alegria não pode estar completa se nossa redenção causou grande sofrimento à população do Egito.

No fim da jornada judaica pelo Egito tivemos de ver os horrores de 10 terríveis pragas, que assolaram e destruíram a região, para que o povo judeu fosse liberto da escravidão egípcia. Ao olharmos para essa história vemos apenas o nosso lado. No entanto, essa noite e essa hagadá são diferentes. Assim, buscamos lembrar de todos aqueles que estiveram envolvidos nessa história, aqueles que não costumamos lembrar. Desta forma, buscamos não só falar daqueles que sofreram, mas também dos que sofrem na atualidade, homenageando-os da mesma forma igual nossos antepassados.

Ao mencionar cada uma das dez pragas, deve-se derramar (ou tirar com o dedo mindinho) algumas gotas de vinho. Esse costume tem origem no Midrash: Ele nos conta que, quando Deus abriu o Mar Vermelho para salvar os judeus e fechou-o, em seguida, afogando os perseguidores egípcios, os anjos do céu queriam cantar um hino de louvor, mas Deus repreendeu-os, dizendo: "Minhas criaturas estão se afogando no mar e vocês querem cantar?".

Dessa passagem entende-se que não devemos nos alegrar na hora da dor de outras pessoas, mesmo na dor de nossos inimigos. Somos todos seres humanos. Por isso, derramamos vinho do nosso copo. Ele não pode estar cheio ao comentarmos a tristeza alheia.

- **1. Dam (Sangue)**, pelos judeus que foram escravizados no Egito;
- **2. Tsefardêa (Rãs)**, pelos judeus que não tiveram a oportunidade de fugir do Egito;
- **3. Kinim (Piolhos)**, pelos judeus que não tiveram forças para andar pelo deserto;
- **4. Aróv (Animais Ferozes)**, pelas judias cujas histórias no deserto não contamos;
- **5. Déver (Peste)**, por todos os primogênitos que foram sacrificados;
- **6. Shechin (Sarna)**, por todos aqueles que foram e são escravizados no mundo em que vivemos;
- **7. Barad (Granizo)**, por todos aqueles que não tem o direito de falar o que precisa ser escutado;
- **8. Arbê (Gafanhotos)**, por todos aqueles que não tem força de lutar;

9. Chóshech (Escuridão), por todas as mulheres que são silenciadas, agredidas e violentadas todos os dias;

10. Macat Bechorot (Morte aos primogênitos), por todos os inocentes que morrem todos os dias;

Ao final da leitura das 10 pragas, propõem-se no seder um momento para compartilhar reflexões e aquele ou aquela que desejar adicionar um grupo de pessoas a ser homenageado pode e deve fazê-lo.

Gregorio Noya e Tamar Bakman

DAYENU דיינו

Dayenu, tradicionalmente, vem com o propósito de nos lembrar o quão agradecidos somos a Deus por todos os presentes dados ao povo judeu, tais quais, ter nos tirado da escravidão do Egito, ter nos dado

a Torah e também o Shabat. Muitas vezes, olhamos para trás e pensamos como somos vitoriosos por toda nossa história, por tudo que passamos e, ainda assim, sobrevivemos e aqui estamos. Porém, quantas são as vezes que refletimos olhando para frente? Hoje gostaríamos de propor algo diferente do habitual. Que cada um possa enxergar o futuro e perceber que ainda existem muitas batalhas a serem travadas e vencidas. Que possamos nos lembrar que apesar de estarmos aqui, brindando em família, há muitas outras que ainda não possuem a possibilidade de desfrutar dessa liberdade.

Sendo o tema dessa Hagadá as perspectivas marginalizadas na história de Pessach, o nosso "Lo Dayenu" tratará das diversas perspectivas que não são reconhecidas com seu devido valor dentro da sociedade atual, seja no campo da política, da mídia, da produção cultural e intelectual, entre outros. (Lo Dayenu - Kibutz Harel – Israel 1988)

Se existisse o Dia da Consciência Negra, porém menos de 10% dos De-

putados Federais fossem negros, ainda assim, dayenu (não seria suficiente)! Se existisse uma lei que proibe a censura, porém museus que tratassem das questões de gênero fossem denunciados por setores influentes, ainda assim, Lodayenu (não seria suficiente)! Se todos tivessem livre acesso à mídia, porém os principais meios de comunicação monopolizados fossem grandes conglomerados econômicos, ainda assim, Lodayenu (não seria suficiente)! Se fosse concebido - legalmente - às mulheres os mesmos direitos que os homens, porém as mulheres escritoras não tivessem a mesma visibilidade dos escritores homens, ainda assim, Lodayenu (não seria suficiente)!

Por isso, fazemos questão de mostrar que, assim como tudo pelo que passamos ao longo da história, essas batalhas somente serão vencidas se nos transformarmos em agentes de mudança. Que não nos deixemos cair na inércia cotidiana e que pouco a pouco, possamos construir juntos um mundo melhor! Propomos também que cada um tire um tempinho para pensar no seu próprio Lodayenu. Como nós, que graças a Moshe hoje somos livres, podemos melhorar o nosso dia a dia pensando o que ainda queremos melhorar, que não é suficiente para nós e como cada um pode ajudar para que essas melhoras aconteçam no mundo.

Yoni Raca Silberberg e Tomer Raca Silberberg

PESSACH MATZA UMAROR

רבן גמליאל היה אומר: כל שלא אמר שלושה דברים אלו בפסח לא יצא ידי חובתו. ואלו הן: פסח מצא ומרור.

Raban Gamliel haiá omer: kol sheló amar shloshá dvarim elu baPessach ló iatzá iedei chovató. Veelu hen. Pessach matza umaror.

"De acordo com a Mishna, Rabi Gamliel disse: Quem deixar de refletir sobre o significado dos três testemunhos – Pessach, Matzá, Maror – não cumpriu o preceito do Seder." Silêncio, União e Liberdade

A tradição judaica nos conta que para que a mitzvá de um seder de pessach esteja completa devemos falar em voz alta três palavras: pessach, matzá Umarór. E cada um deles nos traz diversas mensagens. A que vamos utilizar nesta Hagadá é a de que Pessach é o que fazemos para sobreviver, Matzá é o que precisamos para sobreviver e Maror o que precisamos lembrar para nossa sobrevivência.

Levando em conta essa interpretação vamos trocar as palavras hoje, vamos recitar 3 palavras diferentes mas que estejam mais em contato com a temática de hoje a noite.

> Silêncio, União, Liberdade.

O **Silêncio** nos diz muito, principalmente porque uma das formas mais famosas na história de sobrevivência é o silêncio. Quando nos deparamos com um animal selvagem fazemos silêncio, quando nos

deparamos com o medo ficamos sem voz. Quando o desconhecido surge, nos surpreendemos. O Silêncio já reprimiu muito as narrativas esquecidas.

A **União** é um dos conceitos mais antigos na humanidade e no judaísmo. Ela representa indivíduos que se encontram um no outro, que pertencem á algo maior que eles. A união sempre acompanhou o povo judeu, tanto é que nós somos conhecidos como um povo e não um grupo qualquer. Existem diversas kvútzot na vida de alguém, e são elas que nos ajudam a seguir em frente.

A **Liberdade** possui uma vasta gama de interpretações, e até mesmo 3 palavras diferentes no Hebraico (como por exemplo Dror). Liberdade é aquela utopia que não devemos nos esquecer. Sem liberdade não há sonho onde não há silêncio e repressão, não há sonho onde as narrativas esquecidas, podem ser lembradas. O sonho de narrativas marginalizadas.

Tamar Bakman e Dan Griner Taublib

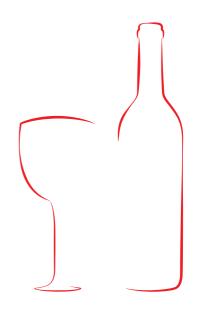
2° COPO

Às mulheres judias

A história é contada, em sua esmagadora maioria, por homens e com homens exercendo os papéis de destaque. Na História de Pessach não é tão diferente. O protagonista? Moshé. O braço-direito do herói? Aaron. O vilão? Faraó. Quem costuma conduzir o seder? O homem da família, um avô, um pai. Os quatro filhos: será que é por acaso que a Hagadá não fala de quatro filhas? Os exemplos são muitos...

Para este copo, homenageamos as mulheres judias da História de Pessach. Nos últimos tempos, estas mulheres ganharam mais destaque no Seder. Muitas casas colocam uma laranja na sua Keará, muitas casas erguem o Kos Miriam ao lado do copo de Eliahu, muitas casas percebem a importância de um maior protagonismo feminino dentro do Judaísmo.

Com isso em mente, não podemos deixar de falar em Pessach dessas três mulheres, cuias histórias são lembradas



na parte do Maguid desta Hagadá. Lembrar de Yocheved, que teve a coragem de desrespeitar o decreto faraônico para salvar seu filho e seu povo. De Tzipora, que correu riscos, se uniu ao povo judeu e salvou a vida de Moshé. De Miriam, que acompanhou e salvou Moshé ainda bebê. Miriam que, segundo o Midrash, enfrentou seu pai, Amram que, diante do decreto egípcio para matar os bebês judeus, defendeu que os israelitas se divorciassem. Miriam que, em um momento emblemático, após a travessia do Mar Vermelho, reúne as mulheres e as conduz em um cântico de louvor e agradecimento, enquanto tocavam seus tambores.

São muitas as mulheres de destaque na História do Judaísmo, da Rainha Esther a Golda Meir, de Dvorah, a Juíza, até Tzivia Lubetkin. Mas, ainda assim, o mundo judaico nos últimos 3000 anos não deu e não dá o devido espaço para essa voz. Felizmente, há exemplos de lutas por essa causa, que merecem ser homenageados aqui. Homenageamos todos os movimentos que lutam por protagonismo feminino dentro do judaísmo. Há movimentos assim dentro da Ortodoxia. assim como no Judaísmo Reformista. Há movimentos judaicos femininos que unem diversas correntes e lutam por mais espaço para a mulher no Judaísmo - metaforicamente e literalmente, como a luta por um espaço feminino igual ao masculino no Kotel. Há também movimentos femininos em Israel que buscam o diálogo entre mulheres judias e muçulmanas, defendendo o potencial que existe nessa aproximação para se alcançar a paz.

Luana Papelbaum Micmacher e Felipe Kaufman Gorodovits Brachá tradicional:

ברוך אתה יהוה אלוהינו מלך העולם בורא פרי הגפן.

Baruch Ata Adonai Elohenu Melech haolam borê peri hagafen.

Abençoado sejas Tu, ó Eterno, nosso Deus, rei do Universo, que cria o fruto da vinha.

Brachá ressignificada:

שהחשיבות של היין לפי המסורת היהודית תחוג על ידי נשים, גברים,ילדים ועל ידי כל העם בשוויון, בלי הבדלים. ברוך ההוא שמגדל את פרי הגפן.

Shehachashivut shel hayain bamasoret hayehudit tachug al iedei nashim, gvarim, yeladim veal iedei kol haam beshivion, bli hevdelim. Baruch hahu shemegadel et peri hagafen.

Que a importância do vinho na tradição judaica seja celebrada por mulheres, homens, crianças e por todos em igualdade, sem distinções. Abençoado seja aquele que cultiva o fruto da vinha.

RACHTZA רחצה



Lava-se as mãos antes de comer a refeição.

MOTZI מוציא

A palavra em hebraico para pão é LeCHeM. Ela compartilha da mesma raiz que a palavra para guerra - miLCHa-Ma. Assim a bracha também pode ser lida: "remova a guerra para fora da face da terra." Além disso, a palavra sonho - CHoLeM - consiste das mesmas três letras. Então agora a bracha pode ser lida como "...que remove a guerra da face da terra e nos permite viver nossos sonhos mais profundos."

Retirado de "The Holistic Hagada", por Michael L. Kagan

A quem estamos agradecendo?

"Abençoado sejas Tu, ó Eterno, nosso Deus, que tira o pão da terra."

O pão é um milagre, que permite que nos alimentemos. É por isso que agradecemos. Será? Basta ir a qualquer padaria, e encontraremos gente vendendo pães de todos os tipos, cores, sabores, prontos para comprar. Mas um milagre não deveria ser comprado... Então deve ser outra coisa.

O preparo do pão é um milagre, que permite que nos alimentemos. É por isso que agradecemos. Será? Basta procurar algumas receitas na internet, separar os ingredientes certos, farinha, fermento, e poderemos fazer pão. Mas um milagre não deveria ser tão fácil de se cozinhar... Então deve ser outra coisa.

A farinha é um milagre, que permite que nos alimentemos. É por isso que agradecemos. Será? Quantos trabalhadores no mundo não passam seus dias em fábricas, lojas, fazendas, moendo trigo e fazendo farinha, faça chuva ou faça sol? Mas um milagre não deveria ser um processo assim, mecânico... Então deve ser outra coisa.

O trigo é um milagre, que permite que nos alimentemos. É por isso que agradecemos. Será? Alguém colheu aquele trigo. Passou dias e dias debaixo de sol, semeando, arando, catando, carregando, separando o trigo para fazer farinha, para preparar pão, para que nos alimentemos.

Uma semente de trigo que cresce é um milagre, que

permite que nos alimentemos. É por isso que agradecemos. A natureza é um milagre, a chuva é um milagre, o dia seguinte é um milagre, a vida é um milagre, o ser humano é um milagre. Será? Ninguém acredita que o pão sai da terra, pronto para ir para a mesa. Mesmo assim, é isso o que diz a tradição. Com essa singela brachá, não estamos agradecendo a Deus, que nos deu pão. Ou ao menos não só. Estamos agradecendo às forças da natureza, aos agricultores e agricultoras, aos trabalhadores e trabalhadoras rurais, aos transportadores e transportadoras de alimento, aos cozinheiros e cozinheiras, aos funcionários e funcionárias da padaria, a quem quer que tenha posto aquela comida naquela mesa. Porque, muitas vezes, não foi um trabalho nosso. E nem um trabalho de Deus. Ou ao menos não só. Foi o resultado conjunto de tudo isso. Estamos agradecendo aos pequenos milagres do dia a dia, a quem dá bom dia na hora de comprar pão, a quem dá um pão para o faminto, à família que senta junta à mesa e conta como foi o dia. Estamos agradecendo e também nos lembrando, lembrando que o que é um milagre pra nós pode ter sido sofrimento para outros. Quanta gente foi explorada nesse processo todo? Quanta gente recebe salários miseráveis? Quanta gente nunca teve o seu "pequeno milagre do dia a dia"? A brachá agradece, mas isso por si só muda pouco. Que a partir dessas palavras, nos lembremos do nosso próximo, de quem está perto e de quem está longe, e de que todos merecemos um pão na nossa mesa. Agradeçamos. Lembremos. Façamos algo para mudar.

Felipe Kaufman Gorodovits

Quebra-se a primeira das três matzot e distribui-se entre o grupo.

Brachá tradicional:

ברוך אתה יהוה אלוהינו מלך העולם המוציא לחם מין הארץ

Baruch Ata Adonai Elohenu Melech haolam hamotzi lechem min haaretz.

Abençoado sejas Tu, ó Eterno nosso Deus, Rei do Universo, que tira o pão da terra.

MATZÁ מצה

"A Matzá



Esse é o pão da pobreza que comeram nossos antepassados no Egito.

Todo aquele que tenha fome que venha e coma.

Todo aquele que necessita que venha e faça pessach.

Esse ano aqui, no próximo na terra de Israel

Esse ano somos escravos, no próximo seremos livres.

Todos já conhecem diversas interpretações da matzá. Sugerimos então uma outra, um conceito criado por Sarah Michaels (Habonim Dror Olamit). Ela compara o pão fermentado com a utopia. A matzá é a realidade, uma que aqueles que saíram do Egito não conseguiram mudar, quem conseguiram foram seus descendentes. Com isso, queremos dizer que as utopias não devem ficar "flutuando". Pelo contrário, devemos baixa-las a terra e lutar para transforma-las em realidade, ainda que as vezes saibamos que não veremos os resultados pessoalmente. Se realmente temos consciência social, devemos tratar de aproximarmos nossas utopias, ainda que quem as verá na prática não sejamos nós, mas sim as próximas gerações"

Retirado da Hagadá de Pessach do Habonim Dror Snif Curitiba 2013

Brachá tradicional:

ברוך אתה יהוה אלוהינו מלך העולם אשר קדשנו במצותיו וצונו על אכילת מצא

Baruch Ata Adonai Elohenu Melech haolam Asher kidshanu bemitzvotav vetzivanu al achilat matzá.

Abençoado sejas Tu, ó Eterno nosso Deus, Rei do Universo, que nos santificou com suas mitzvot e nos ordenou acerca do comer da matzá.

Após a brachá, come-se a matzá.

MAROR מרור



A forma e o conteúdo da amargura

Um dos elementos que não pode faltar em pessach é o Maror, erva amarga cujo principal significado é nos lembrar da amargura da escravidão no Egito. A palavra "Maror" deriva do hebraico מר ("Mar"), que significa literalmente "amargo". A tradição de comê-lo vem da Torá, onde Deus diz: "E comerão a carne nesta noite, grelhada no fogo, e pães ázimos com ervas amargas comerão." (Shemot 12:8). No Talmud (Pesachim 2:6), os rabinos especificaram quais seriam as tais "ervas amargas": Chazeret, Ulashin, Tamcha, Charchavina e Maror – endívia, cardo e outras ervas que eu nem ouso traduzir do hebraico talmúdico.

Ilustrações de Hagadot da Espanha do século XIV retratam endívia ou cardo como ervas amargas. Nas comunidades judaicas do mundo árabe este costume se manteve através dos séculos, até hoje em dia. No mundo judaico Ashkenazi, na Europa central e ocidental, porém, passou a ser difícil obter tais alimentos, principalmente por questões agrícolas. Para representar o Maror no Seder de Pessach, então, passaram a utilizar a raiz-forte, ou chrein, em Yiddish. A princípio isso era só um substituto para quando a espécie citada no Talmud não estivesse disponível mas, com o tempo, passou a fazer parte da tradição Ashkenazi. Tornou-se tão comum e proliferada que, na época da ascensão do Sionismo, construção do Estado de Israel e reconstrução do idioma hebraico, os judeus europeus levaram a prática consigo. A palavra em hebraico para raiz-forte passou a ser, então, a mesma utilizada séculos antes no Talmud para referir-se à erva amarga ali mencionada: Chazeret.

Metaforicamente e literalmente, portanto, a amargura assumiu gostos diferentes nos Sedarim de Pessach da História. O judaísmo sefaradi manteve o conteúdo – a espécie – e mudou a forma de chama-la, passando a referir-se ao Maror pela palavra em aramaico khasa. O judaísmo ashkenazi, por sua vez, manteve a forma – chazeret – mas mudou o conteúdo, trazendo outra espécie. O que importa mais, a forma ou o conteúdo? Usar a palavra original ou comer a espécie original?

Pouco importa. Porque a amargura possui um gosto diferente para cada pessoa. Ambas as práticas são relevantes, desde que se recorde a amargura da escravidão no Egito. E mais, qualquer um que vivencie a amargura merece ter sua dor lembrada e escutada. Alguém deixa de lembrar a escravidão por que adotou-se outra palavra para lembra-la? Ou outra erva? Talvez estes sejam os mesmos que não se lembram do antissemitismo, dizendo que judeus são paranoicos com isso. Talvez sejam os que não se lembram do racismo, dizendo que é vitimismo da população negra. Ou os mesmos que fecham os olhos para o machismo, falando que a luta feminista é "mimimi". Quem sabe os mesmos que fecham os olhos para a xenofobia, islamofobia, homofobia, transfobia e tantas outras formas de intolerância que vemos por aí. Afinal, tudo aquilo que não se encaixa em uma forma e conteúdo específicos, não é relevante. Que se mude a forma, que se mude o conteúdo, mas que se mantenha aquilo que mais importa: a essência. E que este Maror amargo nos lembre da essência de Pessach: a luta contra a opressão em prol da liberdade.

Felipe Kaufman Gorodovits

Ainda existem Faraós.

Ainda existem escravos.

Os Faraós modernos já não constroem pirâmides, mas sim estruturas de poder e impérios financeiros. Os Faraós modernos já não usam apenas o látego: submetem corações e mentes mediante técnicas sofisticadas.

Seus escravos se contam aos milhões, neste mundo em que vivemos.

São os negros privados de seus direitos, na África do Sul; os poetas que, em Cuba, não podem publicar seus versos; os imigrantes a quem, na Europa, está revesado o trabalho pesa e a hostilidade dos grupos fascistas;

os refuseniks soviéticos que clamam por sua identidade; as mulheres e os jovens fanatizados pelo regime do Aiatolá, os prisioneiros políticos do Chile, os famélicos do Sahel e do nordeste brasileiro, as populações indígenas lentamente exterminadas em tantos lugares;

os operários explorados e os camponeses sem terra. Para estes, ainda não chegou o dia da travessia. Estes ainda não encontraram a sua Terra Prometida. Para eles, a vida ainda é amarga como o maror. É a eles também que lembramos nesta noite, meu filho.

Retirado de "Um seder para nossos dias", por Moacyr Scliar

Brachá tradicional:

ברוך

אתה יהוה אלוהינו מלך העולם אשר קדשנו במצותיו וצונו על אכילת מרור

Baruch Ata Adonai Elohenu Melech haolam Asher kidshanu bemitzvotav vetzivanu al achilat maror.

Abençoado sejas Tu, ó Eterno nosso Deus, Rei do Universo, que nos santificou com suas mitzvot e nos ordenou acerca do comer do maror.

Após a brachá, come-se o maror.

KORECH כורך



Come-se Maror e Charoset entre dois pedaços de Matzá

O Korech é marcado pelo momento em que se come o "Sanduiche de Hilel", que junta a matzá (tradicionalmente representando a nossa liberdade) e o maror (representando a amargura, fazendo-nos lembrar de que mesmo com nossa liberdade ainda existe a escravidão).

No Egito, fomos escravos e, ao longo da história do povo judeu, podemos selecionar vários outros momentos em que vivemos à margem da sociedade. Tivemos que enfrentar antissemitismo, direitos e tratamentos desiguais; teorias conspiratórias, proibições de crenças, expulsões e várias outras situações.

Hoje em dia, "conseguimos nossa Matza". Temos um Estado Judeu, onde somos maioria e não temos que viver mais à margem da sociedade. Dentro de Israel temos a liberdade de culto, de crença e de manifestar nossas mais variadas culturas e tradições.

O que não podemos esquecer é que, como no Sanduiche de Hilel, a nossa matza também vem misturada com maror. Dentro da nossa liberdade, existe amargura. Dentro da nossa rotina sólida, comunitária e livre, existe desigualdade, opressão e preconceito.

Durante a Askalá (iluminismo judaico) tivemos que escolher entre o ser judeu e o ser cidadão. Hoje em dia, temos a possibilidade de viver em um próprio Estado Judeu, juntando a nossa cidadania com o nosso sentimento de pertencimento a um povo. Também hoje em dia, deixamos milhões de pes-

soas vivendo sob nosso domínio, residindo em nossas terras, sem nenhum tipo de nacionalidade, de direitos e de dignidade.

Viemos de lugares nos quais, geralmente éramos considerados habitantes de segunda categoria, não tendo plena integração social, possuindo menos oportunidades de crescimento, menos investimentos e menos acesso a todo e qualquer tipo de qualidade de vida. Hoje em dia, ao viajar em Israel de norte a sul vemos que as vilas mais pobres e com menos estruturas pertencem a povos árabes. Ou seja, temos uma média de salários árabes bem abaixo da judaica; temos árabes que, no geral, vivem em zonas mais precárias e que ocupam os postos de trabalhos menos qualificados, sem contar a diferença de investimentos estatais nos mais variados setores sociais.

Durante boa parte de nossa existência fomos refugiados. Buscamos acolhimentos em outros países quando tornava cada vez mais inviável continuar a vida nos nossos países de origem. Saimos em busca de um espacinho em outros Estados nos momentos em que fomos expulsos e obrigados a deixar nossas crenças de lado. Fugimos e conseguimos abrigos em lugares que poderiam nos proporcionar melhor qualidade de vida e mais tolerância religiosa/cultural. Hoje em dia, deixamos milhares de refugiados vivendo em condições desumanas, totalmente à margem da sociedade, quando não tentamos expulsá-los, bani-los e mandá-los de volta aos seus países. Além disso, o número de protestos ou tentativas de mudar essa realidade é mínimo.

É lindo que possuamos nossa matza! Só temos que atentar para tentar equilibrar cada vez mais o maror de dentro dela, deixando assim que outros povos consigam conquistar, também, suas próprias matzot.

SHULCHAN ORECH



שולחן אורך

A refeição é servida.

TZAFUN צפון



Durante o Tzafun, as crianças procuram o afikoman, última coisa que deve ser comida, sem a qual não podemos terminar o Seder.

Depois de quebrarmos a matzá em pedaços desiguais na frente de todos, uma parte da matzá é retirada da mesa e escondida. Mantemos, durante boa parte do seder os pedaços desiguais separados, o que pode representar o fato de estarmos, a princípio, incompletos. O que essa quebra representa para nós nos dias de hoje? Assim como todos possuem a consciência da matzá ter sido quebrada em pedaços desiguais, será que temos, também, a consciência de que todos nós, seres humanos, não estamos divididos socialmente de forma igual? O que podemos fazer em relação a isso? Esconder a outra parte e preferir não ver, assim como fazemos com o afikoman?

É no tzafun, durante o seder, que trazemos de volta a parte desigual (afikoman) para junto da gente, para o centro da mesa. Daí que surge a reflexão de como podemos trazer para o centro da mesa o debate sobre as diferenças e de como podemos trazer para junto de nós as partes desiguais, a fim de tentar buscar um mundo melhor, mais justo, com cada vez menos pessoas passando necessidades.

É com isso que destacamos o conceito de Tikun Olam. Pode ser traduzido como conserto do mundo e é caracterizado como um dos grandes valores e ensinamentos do judaísmo. De acordo com esse preceito judaico, o mundo precisa de reparo, que só pode ser feito através de mãos e vontades humanas. Várias rezas judaicas falam da nossa esperança com um mundo melhor, assim como muito se discute o quanto se podia melhor no mundo. O Tikun Olam diz respeito exatamente a responsabilidade humana de consertar o que tem de errado. A responsabilidade humana para com a sociedade, para com o próximo e para com si mesmo.

Hillel (Pirkei Avot, 1:14): "Se eu não for por mim, quem será? E se eu for somente por mim, o que sou? E se não agora, quando?"

Eduardo Cherpak e Carolina Milech

BARECH ברך



São recitadas as brachot que se reza após a refeição.

שיר המעלות בשוב יי את שיות ציון הינו כחולמים: אז ימלא שחוק פינו ולשוננו רינה.

Shir hamaalot beshuv Adonai et shivat Tzion hayinu kecholmim: az imale schok pinu ul'shonenu rina.

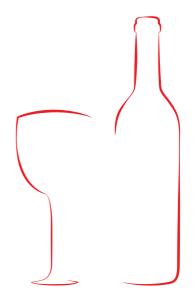
Quando o Eterno reconduzir os cativos de Sião, seremos como os que estão sonhando. Então a nossa boca se encherá de riso e a nossa língua de júbilo.

3° COPO

Às mulheres não judias

Nosso terceiro copo vai para as mulheres não judias da história de Pessach.

Queremos homenagear Shifrah e Puah, as parteiras que desafiaram a ordem vigente e não obedeceram ao decreto do fa-



raó, que estabelecia que todo bebê judeu deveria ser morto. Queremos também lembrar de Batya, a filha do faraó, que dentro de um ambiente extremamente hierarquizado, conseguiu se colocar e criar uma criança judia como egípcia, possibilitando que a resistência judaica tomasse outras dimensões.

É difícil lembrarmos de histórias de bondade e empatia em meio a contextos violentos, mas elas existem, como flores que brotam no asfalto.

Exemplo dessa situação é o conceito de "justos entre as nações" (chassidei umot haolam), não judeus que, apesar dos riscos, ajudaram nosso povo durante a Segunda Guerra e a Shoá.

Nesse copo, queremos incluir a brasileira Aracy Guimarães Rosa, que trabalhava no Itamaraty naquele período e facilitou a entrada de diversos judeus no Brasil ilegalmente.

Esse copo vai, portanto, às mulheres não judias que se arriscaram em prol da humanização do outro, no passado e hoje.

Brachá tradicional:

ברוך אתה יהוה אלוהינו מלך העולם בורא פרי הגפן.

Baruch Ata Adonai Elohenu Melech haolam borê peri hagafen.

Abençoado sejas Tu, ó Eterno, nosso Deus, rei do Universo, que cria o fruto da vinha.

Brachá ressignificada:

שהמעשה לחלוק את היין יביא לנו השראה בכדי לחלוק זכויות, מרכזיות וקול. ברוכה ההיא שמגדלת את פרי הגפן.

Shehamaase leshatef et hayain iavih lanu hashraa bekedei lachlok zchuiot, merkaziut vekol. Brucha hahi shemegadelet et peri hagafen.

Abençoada seja aquela que cultiva o fruto da vinha. Que o ato de compartilhar o vinho nos inspire para compartilhar direitos, protagonismo e voz.

ELIAHU HANAVI אליהו הנביא

Eliyahu hanavi Eliyahu hatishbi, Eliyahu hagil'adi -Bim'hera yavo heleinu, im mashiach ben David.



אֵלָיָהוּ הַנָביִא אֵלָיָהוּ הַתִּשְׂבִּי אֵלָיָהוּ הַגִּלְעָדי בִּמְהֵרָה יָבֹא אֵלֵינוּ עִם מָשִׂיחַ בֶּן דָּוִד בִּמְהֵרָה יָבֹא אֵלֵינוּ עִם מָשִׂיחַ בֶּן דָּוִד

Eliahu, o profeta Eliahu, o "tishbita" Eliahu, o guiladita Rapidamente virá a nós Com o messias, filho de David

Conforme a tradição, na noite do Seder deixamos um copo de vinho para Eliahu Hanavi, o Profeta Elias, que visita todos os lares judaicos com a mensagem de fé, esperança, paz e harmonia. Até hoje não veio, e não é certo que nos visite essa noite. Não tem importância.

A verdadeira importância nesse ato é a de abrirmos as portas não só para o Profeta, mas para todos aqueles que têm fome ou não têm condições de realizar o Seder, mostrando que estamos abertos para recebê-los ou ajudá-los de qualquer outra forma.

Além da hospitalidade para com todos aqueles que necessitem, a simbologia de "abrir a porta" pode ser interpretada como "abrir os olhos" e perceber que o mundo está repleto de injustiças, embora muitas vezes fechamos os olhos para elas. Ao nos confrontarmos com a realidade, nos tornamos responsável por ela, e somos chamados a sermos parceiros de Miriam e Eliahu, trabalhando por um mundo melhor e mais justo. Que sejamos, portanto, como Eliahu, pessoas com potencial e vontade para mudar o mundo.

Helena Jablonski Herson e Yoni Raca Silberberg

KOS MIRIAM כוס מרים

Um conto de midrash diz que o misterioso poço com água da vida que acompanhava o povo de Israel pelo deserto era graças a presença de Miriam. Esse poço garantia a sobrevivência dos judeus durante sua transformação de uma nação escrava a uma nação livre. Quando Miriam morreu uma seca foi enfrentada no caminho a Canaã.

Essa noite gostaríamos de propor algo diferente: junto ao copo do Eliahu, deixemos um copo de água para homenagear e reconhecer a importância de uma figura feminina na história de pessach.

A água é um elemento que representa a vida, e ao enchermos o copo pedimos que a presença de Miriam habite entre nós e que o nosso seder seja repleto de vida.

Pequenas ações, como a abertura de portas ao profeta Eliahu e a todos que necessitam, e o ato de coragem de Miriam, ao colocar Moshé no cesto, geram grandes consequências. A história de Pessach evidencia a importância da bondade em microescala, poucas vezes reconhecida e enaltecida. Assim, nessa noite, devemos nos recordar e estimular qualquer ato de altruísmo, seja ele grande ou pequeno, possibilitando a melhora gradual do mundo em que vivemos. Comecemos, esta noite, pelo olhar ao outro e a busca por outras perspectivas, oferecendo espaços cada vez maiores de voz e respeito.

Yoni Raca Silberberg e Helena Jablonski Herson

HALLEL הלל



Um quem sabe?

Um eu sei:

Um Deus que está no céu e na

terra

Duas quem sabe?

Duas eu sei:

Duas tábuas da lei

Um Deus que está no céu e na

terra

Três quem sabe?

Três eu sei:

Três patriarcas, Duas tábuas da

lei

Um Deus que está no céu e na

terra

Quatro quem sabe?

Quatro eu sei:

Quatro matriarcas, Três patriar-

cas

Duas tábuas da lei

Um Deus que está no céu e na

terra

Cinco quem sabe?

Cinco eu sei:

Cinco livros da Torá, Quatro

matriarcas

Três patriarcas, Duas tábuas da

lei

Um Deus que está no céu e na

terra

Seis quem sabe?

Seis eu sei:

Seis livros da mishná, Cinco

livros da Torá

Quatro matriarcas, Três patriar-

cas

Duas tábuas da lei

Um Deus que está no céu e na

terra

Sete quem sabe?

Sete eu sei:

Sete dias da semana, Seis

livros da mishná

Cinco livros da Torá, Quatro

matriarcas

Três patriarcas, Duas tábuas da

lei

Um Deus que está no céu e na

terra

Oito quem sabe?

Oito eu sei:

Oito dias para a circuncisão,

Sete dias da semana

Seis livros da mishná, Cinco livros da Torá Quatro matriarcas, Três patriarcas Duas tábuas da lei Um Deus que está no céu e na terra

Nove quem sabe?
Nove eu sei:
Nove meses para o nascimento, Oito dias para a circuncisão Sete dias da semana, Seis livros da mishná
Cinco livros da Torá, Quatro matriarcas
Três patriarcas, Duas tábuas da lei
Um Deus que está no céu e na

Dez quem sabe?
Dez eu sei:
Dez mandamentos, Nove meses para o nascimento
Oito dias para a circuncisão,
Sete dias da semana
Seis livros da mishná, Cinco
livros da Torá
Quatro matriarcas, Três patriarcas
Duas tábuas da lei
Um Deus que está no céu e na

Onze quem sabe?

terra

terra

Onze eu sei:

Onze estrelas [que Yosef viu no sonho], Dez mandamentos Nove meses para o nascimento, Oito dias para a circuncisão Sete dias da semana, Seis livros da mishná Cinco livros da Torá, Quatro matriarcas Três patriarcas, Duas tábuas da

Um Deus que está no céu e na terra

Doze quem sabe?
Doze eu sei:
Doze tribos, Onze estrelas
Dez mandamentos, Nove meses para o nascimento
Oito dias para a circuncisão,
Sete dias da semana
Seis livros da mishná, Cinco
livros da Torá
Quatro matriarcas, Três patriarcas
Duas tábuas da lei

Um Deus que está no céu e na terra

Treze quem sabe?
Treze eu sei:
Treze atributos de Deus, Doze
tribos
Onze estrelas, Dez mandamentos

Nove meses para o nascimen-

to, Oito dias para a circuncisão Sete dias da semana, Seis livros da mishná Cinco livros da Torá, Quatro matriarcas Três patriarcas, Duas tábuas da lei Um Deus que está no céu e na terra

> אֶחָד מִי יוֹדֵעַ אֶחָד אֲנִי יוֹדֵעַ אֶחָד אֱלֹהֵינוּ שֶׁבַּשָּׁמַיִם וּבָאָרֶץ

> שְׁנַיִם מִי יוֹדֵעַ שְׁנַיִם אֲנִי יוֹדֵעַ שְׁנֵי לוּחוֹת הַבְּרִית אֶחָד אֱלֹהֵינוּ שָׁבַּשָּׁמַיִם וּבָאָרֶץ

שְׁלשָׁה מִי יוֹדֵעַ שְׁלשָׁה אֲנִי יוֹדֵעַ שְׁלשָׁה אָבוֹת, שְׁנֵי לוּחוֹת הַבְּּרִית אֶחָד אֱלֹהֵינוּ שָׁבַּשָׁמִיִם וּבָאָרֶץ

אַרְבַּע מִי יוֹדֵעַ אַרְבַּע אֲנִי יוֹדֵעַ אַרְבַּע אָמָהוֹת, שְׁלֹשָׁה אָבוֹת שְׁנֵי לוּחוֹת הַבְּרִית אֶחָד אֱלֹהֵינוּ שֶׁבַּשָּׁמִיִם וּבָאָרֶץ

חֲמִשָּׁה מִי יוֹדֵעַ חֲמִשָּׁה אֲנִי יוֹדֵעַ חֲמִשָּׁה חָמְשֵׁי תּוֹרָה, אַרְבַּע אִמָּהוֹת שָׁלשָׁה אָבוֹת, שְׁנֵי לוּחוֹת הַבְּרִית אֶחָד אֱלֹהֵינוּ שָׁבַּשָּׁמֵיִם וּבָאָרֶץ שָׁשֶּׁה מִי יוֹדֵעַ שִׁשֶּׁה אֲנִי יוֹדֵעַ שִּׁשֶּׁה סִדְרֵי מִשְׁנָה, חֲמִשָּׁה חֻמְשֵׁי תּוֹרָה אַרְבַּע אִמָּהוֹת, שְׁלֹשָׁה אָבוֹת שְׁנֵי לוּחוֹת הַבְּּרִית אֶחָד אֱלֹהֵינוּ שֶׁבַּשָׁמִים וּבָאָרֶץ

שָׁבְעָה מִי יוֹדֵעַ שִׁבְעָה אֲנִי יוֹדֵעַ שִׁבְעָה יְמֵי שַׁבְּתָא, שִׁשָּׁה סִדְרֵי מִשְׁנָה חֲמִשָּׁה חֻמְשֵׁי תּוֹרָה, אַרְבַּע אִמָּהוֹת שָׁלשָׁה אָבוֹת, שְׁנִי לוּחוֹת הַבְּּרִית אֶחָד אֱלֹהֵינוּ שֶׁבַּשְׁמַיִם וּבָאָרֶץ

שְׁמוֹנָה מִי יוֹדֵעַ שְׁמוֹנָה אֲנִי יוֹדֵעַ שְׁמוֹנָה יְמֵי מִילָּה, שָׁבְעָה יְמֵי שַׁבְּתָא שִׁשָּׁה סִדְרֵי מִשְׁנָה, חֲמִשָּׁה חֻמְשֵׁי תּוֹרָה אַרְבַּע אִמָּהוֹת, שְׁלֹשָׁה אָבוֹת שְׁנֵי לוּחוֹת הַבְּרִית אֶחָד אֱלֹהֵינוּ שֶׁבַּשָׁמִיִם וּבָאָרֵץ אֶחָד אֱלֹהֵינוּ שֶׁבַּשָׁמִיִם וּבָאָרֵץ

תִּשְׁעָה מִי יוֹדֵעַ תִּשְׁעָה אֲנִי יוֹדֵעַ תִּשְׁעָה יַרְחֵי לֵדָה, שְׁמוֹנָה יְמֵי מִילָּה שִׁבְעָה יְמֵי שַׁבְּתָא, שָׁשָּׁה סִדְרֵי מִשְׁנָה חֲמִשָּׁה חֻמְשֵׁי תּוֹרָה, אַרְבַּע אִמָּהוֹת שְׁלשָׁה אָבוֹת, שְׁנֵי לוּחוֹת הַבְּרִית אֶחָד אֱלֹהֵינוּ שָׁבַּשָּׁמִים וּבָאָרֶץ

עֲשֶׂרָה מִי יוֹדֵעַ עֲשֶׂרָה אֲנִי יוֹדֵעַ עֲשֶׂרָה דִּבְּרַיָּא, תִשְׁעָה יַרְחֵי לֵדָה שְׁמוֹנָה יְמֵי מִילָה, שָׁבְעָה יְמִי שַׁבְּתָא שָׁשָּׁה סְדְרֵי מִשְׁנָה, חֲמִשָּׁה חֻמְשֵׁי תּוֹרָה אַרְבַּע אִמָּהוֹת, שְׁלשָׁה אָבוֹת שְׁנֵי לוּחוֹת הַבְּּרִית אָחָד אַלֹהֵינוּ שָׁבַּשִׁמִים וּבַאַרֵץ

אַחַד עָשָׂר מִי יוֹדֵע אַחַד עָשָׂר אָנִי יוֹדֵעַ אַחַד עָשָׂר כּוֹכְבַיָּא, עֲשָׂרָה דִּבְּּרַיָּא תִשְׁעָה יַרְחֵי לֵדָה, שְׁמוֹנָה יְמֵי מִילָה שִׁבְעָה יְמֵי שַׁבְּתָא, שִׁשָּׁה סִדְרֵי מִשְׁנָה חֲמִשָּׁה חֻמְשֵׁי תּוֹרָה, אַרְבַּע אִמָּהוֹת שָׁלשָׁה אָבוֹת, שְׁנֵי לוּחוֹת הַבְּרִית אֶחָד אֱלֹהֵינוּ שֶׁבַּשָׁמִיִם וּבָאָרֶץ

שְׁנֵים עָשָׂר מִי יוֹדֵעַ שְׁנֵים עָשָׂר אָנִי יוֹדֵעַ שְׁנֵים עָשָׂר שִׁבְטַיָא, אַחַד עָשָׂר כּוֹכְבַיָּא עֲשֶׂרָה דְּבְּרַיָּא, תִּשְׁעָה יַרְחֵי לֵדָה שְׁמוֹנָה יְמֵי מִילָה, שִׁבְעָה יְמֵי שַׁבְּתָא שִׁשָּׁה סִדְרֵי מִשְׁנָה, חֲמִשָּׁה חֻמְשֵׁי תּוֹרָה אַרְבַּע אִמָּהוֹת, שְׁלֹשָׁה אָבוֹת שָׁנֵי לוּחוֹת הַבִּרִית

אַחָד אֵלהֵינוּ שַבַּשָּמִיִם וּבַאַרֵץ

שְׁלשָׁה עָשָׂר מִי יוֹדֵע שְלשָׁה עָשָׂר מִי יוֹדֵע שְלשָׁה עָשָׂר מִדַּיָּא, שְׂנֵים עָשָׂר שִׁבְטַיָּא אַחַד עָשָׂר כּוֹכְבַיָּא, עֲשָׂרָה דִּבְּרַיָּ תִשְׁעָה יַרְחֵי לֵדָה, שְׁמוֹנָה יְמֵי מִילָּה שִׁבְעָה יְמֵי שַׁבְּתָא, שִׁשָּׁה סִדְרֵי מִשְׁנָה חֲמִשָּׁה חֻמְשֵׁי תּוֹרָה, אַרְבַּע אִמָּהוֹת שְׁלשָׁה אָבוֹת, שְׁנֵי לוּחוֹת הַבְּרִית אֶחָד אֱלֹהֵינוּ שֶׁבַּשָּׁמִיִם וּבָאָרֶץ Echad mi yodea? Echad ani yodea: Echad eloheinu shebashamaim uvaaretz

Shnaim mi yodea? Shnaim ani yodea: Shnei luchot habrit Echad eloheinu shebashamaim uvaaretz

Shlosha mi yodea? Shlosha ani yodea: Shlosha avot, Shnei luchot habrit Echad eloheinu shebashamaim uvaaretz

Arba mi yodea? Arba ani yodea: Arba imahot, Shlosha avot Shnei luchot habrit Echad eloheinu shebashamaim uvaaretz

Chamisha mi yodea?
Chamisha ani yodea:
Chamisha chumshei tora, Arba
imahot
Shlosha avot, Shnei luchot
habrit
Echad eloheinu shebashamaim
uvaaretz

Shisha mi yodea? Shisha ani yodea: Shisha sidrei mishna, Chamisha chumshei tora Arba imahot, Shlosha avot Shnei luchot habrit Echad eloheinu shebashamaim uvaaretz

Shiv'a mi yodea?
Shiv'a ani yodea:
Shiv'a yemei shabta, Shisha
sidrei mishna
Chamisha chumshei tora, Arba
imahot
Shlosha avot, Shnei luchot
habrit
Echad eloheinu shebashamaim
uvaaretz

Shmona mi yodea?
Shmona ani yodea:
Shmona yemei mila, Shiv'a
yemei shabta
Shisha sidrei mishna, Chamisha
chumshei tora
Arba imahot, Shlosha avot
Shnei luchot habrit
Echad eloheinu shebashamaim
uvaaretz

Tish'a mi yodea?
Tish'a ani yodea:
Tish'a yarchei leida, Shmona
yemei mila
Shiv'a yemei shabta, Shisha
sidrei mishna
Chamisha chumshei tora, Arba

imahot Shlosha avot, Shnei luchot habrit Echad eloheinu shebashamaim uvaaretz

Asara mi yodea?
Asara ani yodea:
Asara dibraya, Tish'a yarchei leida
Shmona yemei mila, Shiv'a yemei shabta
Shisha sidrei mishna, Chamisha chumshei tora
Arba imahot, Shlosha avot
Shnei luchot habrit
Echad eloheinu shebashamaim uvaaretz

Achad asar mi yodea?
Achad asar ani yodea:
Achad asar kochvaya, Asara
dibraya
Tish'a yarchei leida, Shmona
yemei mila
Shiv'a yemei shabta, Shisha
sidrei mishna
Chamisha chumshei tora, Arba
imahot
Shlosha avot, Shnei luchot
habrit
Echad eloheinu shebashamaim
uvaaretz

Shneim asar mi yodea? Shneim asar ani yode: Shneim asar shivtaya, Achad asar kochvaya
Asara dibraya, Tish'a yarchei leida
Shmona yemei mila, Shiv'a yemei shabta
Shisha sidrei mishna, Chamisha chumshei tora
Arba imahot, Shlosha avot
Shnei luchot habrit
Echad eloheinu shebashamaim uvaaretz

Shlosha asar mi yodea? Shlosha asar ani yodea Shlosha asar midaya, Shneim asar shivtaya Achad asar kochvaya, Asara dibraya Tish'a yarchei leida, Shmona yemei mila Shiv'a yemei shabta, Shisha sidrei mishna Chamisha chumshei tora, Arba imahot Shlosha avot, Shnei luchot habrit Echad eloheinu shebashamaim uvaaretz



NIRTZÁ נרצה

4° copo: Ao bem que havia em cada egípcio e egípcia.

A história de Pessach é contada no livro Êxodo (Shemot) da Torá, em especial nas parashot Vaerá e Bó. Ao longo das duas, narra-se o processo da tentativa de diálogo de Moshé e Aaron com o faraó e o "endurecimento do coração" do governante por Deus, culminando nas dez pragas, que afetaram a todo o povo egípcio.

Ao comemorarmos o chag de Pessach, esquecemos que as mesmas pragas que possibilitaram a libertação do nosso povo foram a causa de muito sofrimento aos egípcios, um povo comumente generalizado por estar sob gerência de um líder autoritário e violento.

Por mais que houvesse indiferença de alguns, de outros havia empatia. Muitos, inclusive, também eram oprimidos e viviam à margem do sistema hierárquico imposto. Os egípcios da história eram pessoas, com realidades, desejos e sonhos individuais e coletivos, com sentimentos diante do sofrimento do outro.

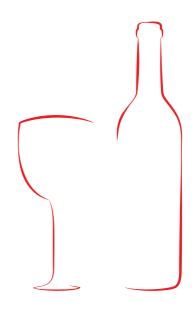
Traçando um paralelo, queremos nesse copo lembrar, além da vulnerabilidade e do bem dos egípcios, lembrar dos povos que são recorrentemente generalizados e punidos pelos atos de uma minoria que os representa.

Um desses grupos, inclusive, é a população israelense judaica, que é resumida diversas vezes a ações agressivas de seu governo, que certamente não representa o pensamento da totalidade do povo judeu. Por vezes, a crítica ao governo de Israel é feita utilizando-se de uma generalização descabida, deslegitimando o Estado de Israel e gerando antissionismo e antissemitismo, os quais nós sempre nos posicionaremos contra.

Histórias boas são esquecidas dentro desse contexto, como em janeiro desse ano, quando pilotos da El Al, companhia aérea de Israel, se recusaram a deportar imigrantes africanos e escritores como Amós Oz e Edgar Keret se manifestaram contra a medida do atual governo israelense, que extraditava imigrantes da Eritreia e do Sudão que pediram asilo no país.

Esse brinde vai para a bondade e a empatia presente em todos os seres humanos, em todos os tempos, em todos os povos.

Luana Papelbaum Micmacher e Felipe Kaufman Gorodovits



Brachá tradicional:

ברוך אתה יהוה אלוהינו מלך העולם בורא פרי הגפן.

Baruch Ata Adonai Elohenu Melech haolam borê peri hagafen.

Abençoado sejas Tu, ó Eterno, nosso Deus, rei do Universo, que cria o fruto da vinha.

Brachá ressignificada:

שהשמחה המסומלת על ידי היין תזכיר לנו לחפש את הטוב שקיים בכל בן אדם. ברוך ההוא שמגדל את פרי הגפן.

Shehasimcha hamesumlemet al iadei hayain tazkir lanu lechapes et hatov shekayam bechol bnei adam. Baruch hahu shemegadel et peri hagafen.

Abençoado seja aquele que cultiva o fruto da vinha. Que a alegria simbolizada pelo vinho nos lembre de procurar o bem em cada indivíduo.

BeShana Haba BeYerushalaim

Ano passado meu Pessach foi diferente de todos os outros. Não foi em casa com minha família, e também não foi em um salão grande, com a comunidade Habonim Dror. Ano passado meu Pessach foi no kibutz Hatzerim, em Israel.

O chadar ochel estava lotado de kibutzinkim e também de ulpanistas. Cantamos Ma Nishtana, rezamos os 4 copos, e dançamos a noite toda. Mas faltou uma coisa nesse seder, que só fui perceber mais tarde, enquanto limpava o refeitório. "Não cantamos BeShana Haba BeYerushalaim", alguém indagou com espanto. "Mas é claro que não!", responderam do outro lado da mesa, "Estamos em Israel!

Nessa hora que a ficha caiu. Depois de tantos anos - e gerações - repetindo essas palavras, esse mantra, eu estava em Beer Sheva Jerusalém. Não era óbvio que isso seria possível para nossos antepassados, e não deve ser óbvio para nós hoje em dia. Agora, de volta ao Brasil, vou cantar de novo essa música, sabendo que essas palavras serão concretizadas pelo próximo shnat. No ano que vem em Jerusalém!

Danilo Bines

Todos cantam BeShana Haba BeYerushalaim.

בשנה הבאה בירושלים

AGRADECIMENTOS

Um dos mais tradicionais e mais amplamente realizados rituais judaicos é o Seder de Pessach. O Seder leva este nome exatamente por ter uma ordem determinada para acontecer, mas ainda assim é dos rituais judaicos que apresenta maior diversidade: nenhuma família faz seu Seder de Pessach igual à outra.

Assim, nós do Habonim Dror resolvemos criar o nosso próprio Seder, porque valorizamos a tradição judaica e a queremos por em prática da forma mais significativa, com sentido e atualidade vibrantes. Os textos aqui reunidos são nossas próprias brachot, comentários e interpretações de Pessach, junto com brachot, costumes e textos tradicionais. Fazemos questão de conhecer as fontes originais e entender sua essência para a partir daí construir nossas práticas.

Esta Hagadá foi produzida com muito carinho, dedicação e estudo por chaverim de muitas cidades do Brasil. Ela é apenas mais um fruto de um trabalho incansável de centenas de jovens que trabalham todos os sábados, todas as semanas, em todos os cantos do Brasil, que o fazem apenas pelo amor que temos à educação judaica e sionista que proporcionamos, e ao sonho que temos de mudar o mundo.

Por todo o trabalho e crença que temos em nossa Hagadá, adoraríamos que vocês a levassem para casa e a utilizassem em seus próprios sedarim. Com esse mesmo espírito, incentivamos também a todos que criem suas próprias interpretações e sentidos específicos para Pessach, de forma a enriquecer ainda mais a tradição e a vitalidade judaica contemporâneas.

Agradecemos a todas as nossas chaverot e chaverim, que constroem a Tnuá a cada dia e, em especial, a todos que ajudaram

na criação dessa hagadá - aos que escreveram, que nos ajudaram com traduções e conteúdo, que ilustraram, que formataram, que imprimiram, que divulgaram. Agradecemos também a todas as instituições de diversas cidades que cedem seu espaço para a realização do Seder de Pessach Cultural Humanista do Habonim Dror. E, por fim, agradecemos a toda a kehilá Habonim Dror - pais, ex-bogrim, amigos, apoiadores - pelo apoio de sempre e pela presença no nosso Seder. Vocês contribuíram para fazer desta noite tão significativa e especial para nós. Esperamos que tenham gostado!

Todá Rabá! Ale VeHagshem!

חג פסח שמח!

